

PROXIMIDADES DISTANTES

ACADEMIA DE ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DE LÍNGUA PORTUGUESA

VOLUME II



TÍTULO

PROXIMIDADES DISTANTES – VOLUME II

EDIÇÃO

Conceição Trigueiros, Caio Frederico e Silva, Ljiljana Čavić

COMISSÃO ORGANIZADORA

Conceição Trigueiros (coord.), Caio Frederico e Silva, Hugo Farias, Paulo Martins Barata, Pedro Rodrigues, Ljiljana Čavić, Ana Gurgel, Arlete Soares Oliveira

APOIO LOGÍSTICO

Rita César, Tomás Duarte Gomes, Tainá Brandão de Andrade, Lorena Humberto dos Santos Borges, Camila Arnaud Reinaldo Lima Formiga, Lara Pelles Naves, Thiago Alexandre dos Santos Antão, Bruno Borges de Castro, Ana Clara Moreira Camilo, Edmo Nunes Oliveira Cabral, Sofia Mesquita de Sabóia, Dhiulia Gabrielly Moreira Costa, Sabryna da Silva Pereira, Cecília Bento Gargano, Luna Catrina Pontes Nascimento, Daniel Gutenberg Eloi Anchieta, Laís Santana Barros, Paulo Henrique Honorato Siqueira, João Victor Brentano Nascimento, Emily Freire Gomes

APOIO TÉCNICO

Miguel Cordeiro, Miguel Miranda

DESIGN DE IMAGEM

Elisabete Rolo

PAGINAÇÃO

Carolina Freitas

ISBN: 978-989-53462-5-7

Lisboa, 2024

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	VI
-----------------	----

PROXIMIDADES DISTANTES - VOLUME I

A CIDADE NUMA SOCIEDADE PÓS-PANDÉMICA	1
--	----------

12 ESPAÇO REFÚGIO: SITUAÇÃO DO LAZER URBANO NO CONTEXTO PANDÉMICO TATIANA LEAL ANDRADE E TEIXEIRA AMANDA BURGARELLI TEIXEIRA DANIEL JACOB DE OLIVEIRA.....	1
--	---

13 DESENHO URBANO: TEORIA E PRÁTICA NO CONTEXTO PÓS PANDEMIA TATIANA LEAL ANDRADE E TEIXEIRA AMANDA BURGARELLI TEIXEIRA ANA CAROLINA S. B. COSTA GIOVANI SALOMÃO TEIXEIRA.....	14
--	----

41 PUBLIC SPACES IN POST PANDEMIC ERA: THE CASE OF THE FACULTY OF ARCHITECTURE AT RICARDO PALMA UNIVERSITY ALEXANDER GALVEZ-NIETO GINO LEÓN-GUTIÉRREZ RICHARD HENRY VALDIVIA SISNIEGAS.....	25
---	----

66 UMA NOVA EXPERIÊNCIA URBANA APÓS A PANDEMIA DO COVID-19: ILUMINAÇÃO E BIOFILIA COMO AUXÍLIO DO BEM-ESTAR NA CIDADE PÓS-PANDÉMICA DO SARS-COV-2 REBECA CRISTILY HOLANDA FERREIRA VANÚCIA SANTOS DIAS.....	36
---	----

80 TOPOLOGIA URBANA E AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICS): REFLEXÕES NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19 RAYSSA PEIXOTO MENDES RENATA FERRAZ DE TOLEDO.....	51
---	----

130 A PANDEMIA PELA COVID-19: E O PROCESSO DE REQUALIFICAÇÃO URBANA EM TERESINA, PI, BRASIL ADRIANO GUIMARÃES MELO ELIETE DE PINHO ARAUJO	61
---	----

140 IMPACTO NO USO DO ESPAÇO PÚBLICO NA CIDADE PÓS-PANDEMIA: ANÁLISE DA PRAÇA TENENTE SOARES, JUAZEIRO DO NORTE, CE ANA PAULA MOURA BARRETO VITÓRIA EMILLY LEONEL BATISTA TAMIRES OLIVEIRA CABRAL	67
---	----

141 ESPAÇOS VERDES NO MEIO URBANO: REFLEXOS DO ESPAÇO PÚBLICO DE LAZER NA ÁREA CENTRAL DE FLORIANÓPOLIS/SC ANA ALICE MIRANDA DUARTE EMILY MIRIAN DE GODOY MARQUES.....	82
--	----

147 A CIDADE SE CUROU DA COVID-19? COMENTÁRIOS SOBRE A EXPERIÊNCIA URBANA PÓS-PANDEMIA LUCAS BERDAGUE CORRÊA ARTHUR ZANUTI FRANKLIN ROSANA APARECIDA PIMENTA LUCIANA BOSCO E SILVA	91
--	----

57 A CASA NA CIDADE PÓS-COVID: NOVOS MODELOS E NOVOS MODOS DE HABITAR ANA MOREIRA GUILHERME MAIA HUGO FARIAS.....	101
---	-----

65 FLEXIBILIDADE CONSTRUINDO RESILIÊNCIA: REFLEXÕES SOBRE ESPAÇO E USO NA CIDADE PÓS-PANDEMIA E PÓS-CARBONO ALESSIA ALLEGRI RITA OCHOA.....	112
---	-----

179 ESVAZIAMENTO DA ÁREA CENTRAL DO RIO DE JANEIRO: POSSIBILIDADES NO FUTURO DA HABITAÇÃO NO CENTRO DA CIDADE PÓS-PANDEMIA DA COVID-19 GIACOMO BASSOTTO THAÍS MANNA GIOVANNA OLIVAR DIEGO PERAZZO.....	126
188 AÇÕES LOCAIS NOS ASSENTAMENTOS PRECÁRIOS NO CONTEXTO DA COVID-19: O CASO DA FAVELA PARAISÓPOLIS, SÃO PAULO, BRASIL ANGÉLICA TANUS BENATTI ALVIM LUCIANA MARIA GARCIA CAMPOS	141
59 HABITAR AS CIDADES DO FUTURO: RUMOS PARA A HUMANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO ALESSANDRA GOBBI SANTOS HUGO FARIAS	153
85 MOBILIDADE URBANA E GÊNERO: QUESTÕES PARA O PLANEJAMENTO URBANO PÓS-PANDÉMICO. O PONTO DE VISTA DA MULHER LATINO-AMERICANA DANIELA BRAGA SANTOS CAROLINA PESCATORI CANDIDO DA SILVA	162
117 AS CIDADES NO CENÁRIO PÓS-PANDÉMICO: A NOVA CRISE HABITACIONAL E AS VELHAS POLÍTICAS DE “LIMPEZA” HUMANA E URBANA SONIA MARIA TADDEI FERRAZ LUÍZA CAMPITI BRAGA.....	175
142 MOBILIDADE ATIVA E SEUS REFLEXOS EM UMA SOCIEDADE PÓS-PANDÉMICA: A EXPERIÊNCIA DE BRASÍLIA TATIANA REINEHR DE OLIVEIRA ELIETE DE PINHO ARAUJO WANDERSON DE ANDRADE SIMPLÍCIO	187
174 STRONG AND WEAK TIES: COVID-19 E OS LAÇOS DE UMA REALIDADE HIPER-HÍBRIDA NO BINÓMIO CASA-CIDADE LEONARDO VALBÃO VENANCIO BRUNO MASSARA ROCHA.....	198
176 A CIDADE PÓS-PANDEMIA: REVISANDO PARADIGMAS DE PROJETO E ENSINO VÍTOR DOMÍCIO DE MENESES LETICIA TEIXEIRA MENDES DANIEL RIBEIRO CARDOSO	207
CATÁSTROFES, CONFLITOS E RECONSTRUÇÃO.....	222
60 O PAPEL DO ESPAÇO PÚBLICO COMO SUPORTE NA CONSTRUÇÃO DE URBANIDADE: O CASO DA BRANDOA MARIA MANUELA DA FONTE FILIPA SERPA ARIANA MARQUES JOÃO RAFAEL SANTOS.....	222
73 A SUBVERSIVIDADE DO EDIFICAR: O EDIFÍCIO COMO CONTRIBUIÇÃO PARA AÇÕES DE PREVENÇÃO EM TERRITÓRIOS VULNERÁVEIS GUSTAVO DE OLIVEIRA MARTINS	234
76 PRÁTICAS PARA ATERRAR: ESTRATÉGIAS DE RECONSTRUÇÃO PARA ÁREAS URBANAS SUBUTILIZADAS JULIA DELMONDES MARCELLA ARRUDA	252
153 INCLUSÃO HABITACIONAL E A CRISE CLIMÁTICA: POLÍTICAS E AÇÕES EM PETRÓPOLIS, RJ ANDRÉA GUIMARÃES DENISE DE ALCANTARA.....	271
208 O DIREITO À MORADIA E A NECESSIDADE DE PARÂMETROS DE DIGNIDADE BIANCA MORO DE CARVALHO.....	287
19 DEMOCRACIA URBANA: HABITAÇÃO PARA CIDADES MENOS DESIGUAIS NO MUNDO LUSÓFONO MAÍRA VUCOVIX	301
49 HIBRIDEZ TIPOLOGICA DE EDIFÍCIOS E DE UNIDADES HABITACIONAIS EM ÁREAS RESIDENCIAIS: O CASO DO BAIRRO URBITÁ, EM BRASÍLIA ALESSANDRA GOBBI SANTOS THATIANE CARVALHO ROCHA.....	311

55 HABITAÇÃO E ESPAÇO PÚBLICO: UMA TERRITORIALIZAÇÃO DAS TRANSFORMAÇÕES NA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA [1998-2023] JOÃO RAFAEL SANTOS MARIA MANUELA DA FONTE FILIPA SERPA	322
56 VERSATILIDADE, ADAPTABILIDADE, ACESSIBILIDADE E ADEQUAÇÃO: OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA ARQUITETURA DA HABITAÇÃO HUGO FARIAS	339
99 ESPECULAÇÃO E MUDANÇAS DE USO: UMA AMEAÇA AO PATRIMÔNIO HABITACIONAL NO BAIRRO DO CAJU - RIO DE JANEIRO LUCIANA NEMER LILIANA DA SILVA MATEUS FELIPE GUSTAVO SILVA QUEREN ROCHA DOS SANTOS	348
105 A ATUAÇÃO DE PROMOTORES IMOBILIÁRIOS EXTERNOS NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE CATAGUASES-MG MARINA FRANZINI ÍTALO STEPHAN	362
162 MELHORIA HABITACIONAL NO DISTRITO FEDERAL: AS CONTRIBUIÇÕES DO CAU/DF NAS EXPERIÊNCIAS DA CODHAB ANTONIO COUTO NUNES JOÃO LOPES LIMA FARIAS SANDRA MARIA FRANÇA MARINHO	374
29 DESAFIOS PARA A INTEGRAÇÃO DE URBANIZAÇÕES DE HABITAÇÃO SOCIAL EM ÁREAS METROPOLITANAS SUELY JUCÁ MACIEL	386
70 INFORMAÇÃO COMO PLATAFORMA PARA UM PLANEJAMENTO INSURGENTE POR UMA CIDADE DEMOCRÁTICA CAROLINA JORGE TEIXEIRA GUIMARÃES	397
100 LIMITES DO HABITAR: O REGISTRO ENQUANTO REPRESENTAÇÃO SOCIAL E DE TERRITORIALIDADES NA COMUNIDADE DO SALGUEIRO - SÃO GONÇALO FELIPE DE OLIVEIRA BARROS LIMA ETHEL PINHEIRO SANTANA.....	410
143 HISTÓRIA, RAÇA E DIREITO À CIDADE EM BRASÍLIA: UMA REFLEXÃO SOBRE FUTUROS (IM)POSSÍVEIS MARIANA ROBERTI BOMTEMPO LUÍS FELIPE PERDIGÃO DE CASTRO ADJAILSON ADÃO LEAL.....	422
SUSTENTABILIDADE, TECNOLOGIA E AS NOVAS MOBILIDADES	436
25 SUSTENTABILIDADE TURÍSTICA: NOVAS PERSPECTIVAS DE INSERÇÃO SOCIOCULTURAL EM ÁREAS DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL STÉPHANIE MARIE RIBEIRO CURVELO MATOS MÁRIO MÁRCIO SANTOS QUEIROZ.....	436
102 MADEIRA, LINGUAGEM E AUTENTICIDADE: O RESULTADO DE PENSAR UMA MATERIALIDADE PAULO PEREIRA ALMEIDA.....	450
127 PARQUE LINEAR EM JUAZEIRO DO NORTE - CEARÁ, BRASIL: REQUALIFICAÇÃO URBANA PARA A MELHORIA DE VIDA DA POPULAÇÃO E INFRAESTRUTURA DO ESPAÇO PÚBLICO WILLIAM VIEIRA ALVES GIOVANNA GARCÊZ FREIRE.....	461
189 INNOVATIONS AND CHALLENGES OF 3D PRINTING TECHNOLOGY FOR SUSTAINABLE CONSTRUCTION PRACTICES TASSIA LATORRACA ANA SOFIA GUIMARÃES BÁRBARA RANGEL.....	481
190 A INFLUÊNCIA DE DIFERENTES SUPERFÍCIES NAS TEMPERATURAS DO CONTEXTO URBANO: MEDIÇÕES NAS SUPERQUADRAS EM BRASÍLIA LUÍSA COUTINHO PUNTEL ERONDINA AZEVEDO LIMA CAIO FREDERICO E SILVA	497

204 FITORREMEDIAÇÃO COMO ALTERNATIVA SUSTENTÁVEL PARA TRATAMENTO DE EFLUENTES DE ESGOTOS VERA SANTANA LUZ KAI HARU ROSANDISKI HIRATUKA.....	510
209 PROXIMIDADES ENTRE SEVERIANO PORTO E O PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO DO ARTIGO MARCOS PAULO CERETO.....	523
46 CONSTRUINDO A REDE METROPOLITANA DE ESPAÇO PÚBLICO DE BARCELONA PEDRO BENTO MIQUEL MARTÍ.....	531
53 O PLANEJAMENTO DA MOBILIDADE URBANA E OS ECOSISTEMAS DE INOVAÇÃO: UMA AVALIAÇÃO DO CONTEXTO DE OURO PRETO E O PARQUE TECNOLÓGICO MINERO-METALÚRGICO MIRIAN APARECIDA MAIA LUCAS PACHECO HERINGER BATISTA	541
171 NOVA MOBILIDADE E O MORAR DESMATERIALIZADO: REFLETINDO SOBRE O NOMADISMO DIGITAL ESTELA ALMEIDA	552
178 O MODELO URBANÍSTICO DO PLANO PILOTO DE BRASÍLIA: E OS DESAFIOS PARA AS NOVAS MOBILIDADES NA CIDADE ALINE ZIM MAGDA SIFUENTES DE JESUS ANA SOUZA	564
183 OS IMPACTOS DOS NÔMADES DIGITAIS NOS ESPAÇOS URBANOS: A HIPERMOBILIDADE: PERSPECTIVAS FUTURAS NA REDEFINIÇÃO DA VIDA URBANA COM A HIPERCONECTIVIDADE ELIAS DE SOUZA VALTER CALDANA DANIELA MASCARETTI PAVONE.....	587
186 QUANDO O CAIRO ENCONTRA BRASÍLIA: O URBANISMO ANACRÔNICO DA NOVA CAPITAL ADMINISTRATIVA DO EGITO CARLOS EDUARDO NUNES-FERREIRA.....	595
PROXIMIDADES DISTANTES NO ENSINO	604
52 COMO DOCENTES DE ARQUITETURA DE PAÍSES LUSÓFONOS COMPREENDEM A AMBIÊNCIA CRIATIVA GLEICE AZAMBUJA ELALI.....	604
84 WORKSHOP DELFIM AMORIM: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE ARQUITETURA MODERNA E PROJETO CONTEMPORÂNEO EM PERNAMBUCO, BRASIL. PATRICIA ATAÍDE SOLON DE OLIVEIRA JULIANNA JAMILLE FERREIRA DE FREITAS SANTOS LILIANA ADRIÃO.....	618
113 ARQUITETURA, EDUCAÇÃO TRANSNACIONAL E DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS GLOBAIS RENATO LEÃO REGO	628
156 A CULTURA CONSTRUTIVA TRADICIONAL, A MODERNIDADE E AS SOLUÇÕES CONTEMPORÂNEAS: UM MÉTODO INTEGRAL PARA O ENSINO SUPERIOR MAURICIO IVAN GANDUGLIA.....	637
205 “HOJE A MINHA ESCOLA VAI DESFILAR”: RELAÇÕES LÚDICO-DIDÁTICAS ENTRE TEORIA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA E CARNAVAL ANA PAULA CAMPOS GURGEL DANIEL GUTENBERG ELOI ANCHIETA RACHEL BENEDET DE SOUSA MARTINS	651

PROXIMIDADES DISTANTES - VOLUME II

PATRIMÓNIO URBANO E ARQUITECTURA 665

28 | A CIDADE COMO PALIMPSESTO: A INTERFACE DA ARQUITETURA COM A HISTÓRIA | RAFAEL MANZO.....665

64 | ARTHUR NOGUEIRA: O PRÉDIO POR TRÁS DO EDIFÍCIO ESTHER | SILVIA FERREIRA SANTOS WOLFF | CECÍLIA RODRIGUES DOS SANTOS | BRUNO FALANGHE 673

75 | O MODERNO COMO REFERÊNCIA: EDIFÍCIOS HOSPITALARES EM BELÉM-PA | LUCIANE SANTOS DE OLIVEIRA | CELMA CHAVES 692

150 | DESCARACTERIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO RELIGIOSO: ESTUDO DE CASO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO CARMO DE JUCÁS/CE | MYLLENA BEZERRA ALVES | MARIA LETÍCIA DE ALMEIDA RAMOS GOMES | HELEN LUCAS UCHÔA | TAISE COSTA DE FARIAS.....704

165 | PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO MODERNO E HABITAÇÃO SOCIAL: UMA PERSPECTIVA TECTÓNICA | BEATRIZ MOURA | MAFALDA PANTOJA | RUI FERNANDES PÓVOAS 716

34 | DIMENSÃO PÚBLICA DA VARANDA E DO EDIFÍCIO INSTITUCIONAL: EFEITO CÉNICO E PERMEABILIDADE VISUAL ENTRE A VARANDA/EDIFÍCIO INSTITUCIONAL E O ESPAÇO PÚBLICO | PEDRO JORGE DIAS PIMENTA RODRIGUES | FILIPE VAZ 734

45 | TRAJETÓRIAS AZULEJARES: OS AZULEJÕES DE ADRIANA VAREJÃO, PAMPULHA E A AZULEJARIA PORTUGUESA | VALENTINA MARTINS MARQUES 751

103 | *RETROFIT* COMO ESTRATÉGIA DE SUSTENTABILIDADE E REQUALIFICAÇÃO DE ÁREAS CENTRAIS: A PRÁTICA DO PROGRAMA PAULISTA REQUALIFICA CENTRO E A INICIATIVA FRANCESA, RÉINVENTER PARIS | LARISSA CAMPAGNER | MAURICIO DEL NERO OLIVEIRA | ANDRÉ LUCAS DE MEDEIROS FRANÇA | ELIAS DE SOUZA 761

187 | CONSIDERAÇÕES SOBRE GESTÃO E SALVAGUARDA DA PAISAGEM URBANA HISTÓRICA | FABIANA MENDES TAVARES JACQUES | ÍTALO ITAMAR CAIXEIRO STEPHAN | ANA BEATRIZ PINHEIRO PEREIRA VIEIRA 771

192 | CRUZEIRO NOVO: DO BAIRRO AO BLOCO | YAN CHERMONTE ALVES SANTANA | CLÁUDIA DA CONCEIÇÃO GARCIA..... 779

TRANSVERSALIDADES E CONTAMINAÇÕES NA LUSOFONIA 793

146 | REPENSAR A PERIODIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO VERNACULAR LUSO-BRASILEIRA: OU, COMO A NOSSA ARQUITETURA TRADICIONAL É MAIS RECENTE DO QUE PARECE | PEDRO PAULO PALAZZO..... 793

89 | APROXIMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS BRASIL-PORTUGAL: O CASO DO CENTRO DE VISITANTES BANCO DOS CAJUAIS, EM PICOS/CE | BRUNO MELO BRAGA | JOÃO MARCELLO TORQUATO LIMA DA SILVA | LUIZ MATTOSO CATTONY 803

124 AS ESTRATÉGIAS DE TRABALHO DE BARRY PARKER EM SÃO PAULO: APROXIMAÇÕES ANGLO-SAXÔNICAS AO MUNDO LUSÓFONO (1917-1918) SILVIA FERREIRA SANTOS WOLFF ROSELI MARIA MARTINS D'ELBOUX.....	814
51 CONEXÕES RIO DE JANEIRO, BELÉM E LISBOA: CONTRIBUIÇÃO DOS TERRENOS DE MARINHA E ORLAS NO ESTABELECIMENTO DAS PRAÇAS CENTRAIS LUSÓFONAS MÔNICA REGINA SILVA HERMANO CALDAS JOÃO PAULO CARVALHO DO AMARAL.....	825
68 PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS RESSIGNIFICADAS ÀS MARGENS DO "MUNDO CONHECIDO": A APROPRIAÇÃO DAS CULTURAS DO MATE AMERÍNDIO E CHÁ ASIÁTICO DOS EXTREMOS IMPERIAIS IBÉRICOS AO MUNDO GLOBALIZADO SÁVIO GUIMARÃES JOANES ROCHA.....	835
91 COSTURA DO MANTO-VIVO: APROXIMANDO MEMÓRIAS E IMAGINÁRIOS NA CIDADE DE ELVAS (PORTUGAL) JULIA DELMONDES SOFIA MUSSOLIN.....	852
96 REINTERPRETAÇÃO DE EDIFÍCIOS E ESPAÇOS URBANOS: PELOS AZULEJOS DE DELFIM AMORIM JULIANNA JAMILLE FERREIRA DE FREITAS SANTOS PATRÍCIA ATAÍDE SOLON DE OLIVEIRA LILIANA ADRIÃO.....	866
155 O LUGAR DO SUJEITO NA CIDADE VIRTUAL CAROLINA DA ROCHA LIMA BORGES	878
O PAPEL DA TEORIA E DA CRÍTICA DA ARQUITECTURA	889
18 UMA REFLEXÃO DA ARQUITECTURA NA CONTEMPORANEIDADE: UMA PRÁTICA REBATIDA DAS IMAGENS E DAS FORMAS, CAPAZES DE SE TORNAREM REAIS DIANA CHUMBO ALMEIDA.....	889
35 ANALOGIA, OPOSIÇÃO E ENCOBRIMENTO: TRÊS EXEMPLOS DE RELAÇÕES INTRA-POÉTICAS EM ARQUITECTURA RICARDO LEITÃO	901
38 ESTANDARDIZAÇÃO PÓS-MODERNA: A INFLUÊNCIA DO ESCRITÓRIO O.M.A. A PARTIR DA REDE INSTAGRAM LUÍSA MARIA XAVIER CAROLINA MARGARIDO MOREIRA MARISTELA SIOLARI	914
61 HABITAR NÔMADE: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA ACERCA DAS CONDIÇÕES DE DESABRIGO NA CONTEMPORANEIDADE ÍCARO RAMOS SELEME.....	931
119 PROJETOS DE HABITAÇÃO SOCIAL DE ALEJANDRO ARAVENA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE QUINTA MONROY E VILLA VERDE-CHILE GABRIEL PARENTE ANA PAULA GURGEL	937
154 PROJETANDO UTOPIAS: BRASÍLIA, ARCHIGRAM E A BUSCA PELO LUGAR IDEAL LEONARDO OLIVEIRA MARIANA DAYRELL.....	952
167 INFRAESTRUTURA, DIGITALIZAÇÃO E AS NOVAS FRONTEIRAS DA ARQUITETURA RÔMULO ORAGGIO BERARDI	960
211 PROXIMIDADES DISTANTES: O CASO "EXODUS, OR THE VOLUNTARY PRISONERS OF ARCHITECTURE" JORGE NUNES.....	971

ARQUITECTURA COMO AFIRMAÇÃO CULTURAL 980

31 | O CÉU É O LIMITE? AMORIM POR OUTROS ARQUITETOS À LUZ DO CÓDIGO DE OBRAS DE 1961, RECIFE-PE: UMA REFLEXÃO SOBRE OS EDIFÍCIOS MULTIFAMILIARES | LILIANA ADRIÃO | MARIA DE FÁTIMA SIQUEIRA CARDOSO | JULIANA MOREIRA..... 980

151 | RESTAURANTE POPULAR: O COMBATE À FOME E SUA RELAÇÃO COM OS ESPAÇOS DE ALIMENTAÇÃO | SAMUEL EUFRÁSIO DE ALCÂNTARA | ELIÁBI ANTAS MARQUES CORDEIRO..... 991

198 | INSTALAÇÕES DESPORTIVAS DE CARÁCTER SOCIAL E COMUNITÁRIO NA CIDADE DE LISBOA: REPENSANDO E REABILITANDO O CLUBE ORIENTAL DE LISBOA | MIGUEL BAPTISTA-BASTOS..... 1005

210 | ARQUITETURA E FICÇÃO: MODERNISMOS EM TRANSIÇÃO | CARLOS FERREIRA 1015

104 | PROCESSOS DE PROJETO: O CASO DAS “ESCALINATAS Y EL TIEMPO”: AÇÕES NAS FRESTAS DA CIDADE CONTEMPORÂNEA COMO MEIO DE RESISTÊNCIA ÀS LÓGICAS ATUAIS | LUCIANA TOMBI BRASIL | PATRÍCIA PEREIRA MARTINS 1026

135 | ESTUDO SOBRE A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DAS ALDEIAS YAWALAPITI | LUNA CATRINA PONTES NASCIMENTO | ANA PAULA CAMPOS GURGEL 1042

160 | ESTUDOS TERRITORIAIS: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS À PRAXIS DA ARQUITETURA E DO URBANISMO | ANDRÉ ARAÚJO ALMEIDA | ANGÉLICA TANUS BENATTI ALVIM 1054

169 | PROJETO EM PROCESSO: MAC-NITERÓI E CAMINHO NIEMEYER COMO PARTE DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE REGENERAÇÃO URBANA DA CIDADE DE NITERÓI/RJ | ANA BEATRIZ DA ROCHA | DIANNE CALVOSA | GIOVANNA OLIVAR | VITOR MORENO 1063

170 | CONTRA CARTOGRAFIAS: O OLHAR DA JUVENTUDE SOBRE A ARQUITETURA E A PAISAGEM | ANA BEATRIZ PINTO | CAROLINA DAMASCENO | LEONAM AQUINO | DENISE DE ALCANTARA 1077

48 | O PESO DA ESCRITA E A LEVEZA DA REPRESENTAÇÃO: CAMINHOS PARA UMA GENEALOGIA DA ARQUITECTURA JAPONESA CONTEMPORÂNEA | MARIA JOÃO MOREIRA SOARES | JOÃO MIGUEL COUTO DUARTE 1087

133 | MANAUS COMO PERSONAGEM: REPRESENTAÇÃO DA CAPITAL AMAZONENSE EM CINZAS DO NORTE DE MILTON HATOUM | MARIANA DAMASCENO BATISTA | ANA PAULA CAMPOS GURGEL | ANA ELIZABETE DE ALMEIDA MEDEIROS 1100

163 | GUIAS ARQUITETÓNICOS: REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE: NARRATIVAS IDENTITÁRIAS SOBRE CIDADES BRASILEIRAS E CONSTRUÇÃO DE NOVOS CAMINHOS PARA GUIAR | JOÃO VICTOR BRENTANO NASCIMENTO | ANA PAULA CAMPOS GURGEL | FLAVIANA LIRA..... 1112

164 | BRASÍLIA ENTRE O REAL E A FICÇÃO: A FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA HISTORIOGRÁFICA PARA UMA OUTRA HISTÓRIA DA CIDADE | LUCIANA JOBIM NAVARRO | HIAGO LACERDA DA SILVA | MARIANA CARVALHO MENDONÇA | SAMARA RAMALHO MENEZES LIMA..... 1125

ANALOGIA, OPOSIÇÃO E ENCOBRIMENTO: *três exemplos de relações intra-poéticas em Arquitectura*

Ricardo Leitão

CEAU, Faculdade de Arquitectura; Universidade do Porto, Portugal
up606006@g.uporto.pt

RESUMO

Em 1973, o crítico literário Harold Bloom publica o livro «A Angústia da Influência: *uma teoria da poesia*», considerado uma das reflexões mais profundas sobre o modo como a ideia de “*influência*” é fundamental para compreender possíveis relações entre autores. A sua investigação parte do argumento de que “*a História da Poesia é indistinguível da influência entre poetas*”.

A possível transferência da sua *teoria* é a pedra-de-toque para o nosso campo disciplinar, ajudando a formular e circunscrever uma possível *imagem de pensamento* mais ampla: de que modo poderá ser a História da Arquitectura indistinguível da ideia de influência entre arquitectos?

O nosso artigo explora uma forma de transferir aspectos da teoria da influência literária para a arquitectura, propondo uma reflexão sobre o papel da História para o debate e a crítica contemporâneos. Deste modo, procuraremos estabelecer novos princípios imaginativos reelaborados a partir do reconhecimento e análise de três hipóteses de *desleitura* construídas durante a acção lenta do *pensar-fazer* por parte de arquitectos distintos sob o ponto de vista disciplinar:

1. Influência e Analogia: o exemplo de Aldo Rossi no Cemitério de San Cataldo, em Modena.
2. Influência e Oposição: o exemplo de Giorgio Grassi na Cassa di Risparmio, em Florença.
3. Influência e Encobrimento: o exemplo de Álvaro Siza nos projectos para Kreuzberg, em Berlim.

É nosso intuito extrair dos movimentos de acção desses *leitores-fortes* modos de lidar criticamente com o *corpus* disciplinar da arquitectura e os materiais que esta convoca e coloca ao serviço do projecto.

Palavras-chave: Influência, Desleitura, Analogia, Oposição, Encobrimento

Eixo temático: 10. O Papel da Teoria e da Crítica da Arquitectura

Introdução

Nos domínios da Arte, da Filosofia e da Literatura, a ideia de *Influência* foi já amplamente estudada e pertence a um território cujas fronteiras instáveis anunciam já numerosos perigos. Seria irresponsável abrir caminho pelo tema sem vislumbrar algumas camadas etimológicas que desde o período medieval lhe foram dando uma forma, mais ou menos imprecisa, desde logo a partir da manifesta precisão contida no derrame de um líquido sobre determinado receptáculo: a percepção clara do *fluir para dentro*; a *matéria* originada alquimicamente a partir dessa fusão inverosímil de componentes em mútua contaminação – implicando-se como uma espécie de diálogo simbiótico. Interessar-nos-ão menos, contudo, as concepções que oriundas de discursos a montante, astrológicos ou científicos, seguem a "influência" como cósmica e derradeira capacidade de alguns corpos celestes ditarem e preverem o destino humano, ou a têm como a figura ainda radicalmente presente de uma infecção por contágio de gripe (*influenza*), enquanto vírus respiratório de fácil disseminação – em ambos os casos, uma prospecção necessariamente mais passiva da ideia.

Aproximamo-nos — *perigosamente?* — do universo literário: de uma ideia de *influência poética* que foi resistindo a inúmeras mutações e embates, defendida quase sempre pela sua estreita capacidade de (re)encarnar sob a forma de novas metáforas com um extraordinário potencial de investigação. Movemo-nos a partir do vasto território trilhado por Harold Bloom na obra *A Angústia da Influência: uma teoria da poesia* (1973), na qual o crítico literário argumenta que a *História da Poesia é indistinguível da influência entre poetas*. Quando alguns anos mais tarde aprofunda o seu argumento na sequência *O Mapa da Desleitura* (1975), Bloom refere que a condição de ler o passado, mesmo que (e sobretudo quando) sujeita a erros de interpretação, pode ser o mais valioso instrumento de sobrevivência poética para qualquer autor.

“Se imaginar é interpretar erroneamente, o que torna todos os poemas antitéticos em relação aos seus precursores, então imaginar segundo um poeta é aprender as suas próprias metáforas para os seus actos de leitura.”

(BLOOM, 1973: 93)

As bases que sustentam a sua *teoria da poesia*, ela própria influenciada por uma grande pluralidade de vozes das quais destacaríamos Nietzsche, Freud e Kierkegaard, lançam-se com intuito de traçar e compreender possíveis relações *constelares* entre poetas com base numa rigorosa sistematização das suas leituras e a partir de um grau de intuição incrivelmente apurado.

As seis proporções de revisão que desenvolve e para as quais estabelece vínculos de ordem temporal, psicanalítica, retórica e estilística — *clinamen*, *tessera*, *kenosis*, *demonização*, *askesis* e *apófrades* — representam posicionamentos distintos face a influências precursoras a partir do paradigma edipiano, no qual o *poeta-efebo* vive oprimido pela presença esmagadora do *poeta-pai*, lutando em cada um dos seis estádios por libertar-se de um inevitável *encobrimento poético* que lhe permita desobstruir um espaço de imaginação para si próprio e escapar ao peso da sua própria *tardividade* face à História.

Da teoria imaginada por Bloom, (de cujos princípios já muito se escreveu contra e a favor¹) interessam-nos sobretudo e particularmente a força implícita em conceitos como *misreading* (desleitura) e *swerving* (desvio) enquanto ideias capazes de estabelecer um *modus operandi* crítico face a qualquer influência em confronto, *repetindo-a sem a repetir* realmente, à luz da memória ou pela via do esquecimento, subvertendo ou esvaziando *poetas* precursores até encontrar portas de saída que reforcem soberbamente e, em potência, qualquer *novo-poema*.

¹ A figura do crítico literário Paul de Man, colega de Bloom em Yale, é crucial para entender ambos os pontos de vista. Para tal, sugere-se a consulta da recensão crítica à primeira edição do livro, publicada originalmente na revista *“Comparative Literature”*, Nº.26 -1974.



Fig. 01. «Papers and books thrown away - On Reading Series, 1974»; Fonte: (Andre Kertész)

Numa sociedade pós-global e altamente digitalizada, a possível transferência da teoria *bloomiana* para o campo disciplinar da arquitectura constitui, no nosso entender, uma poderosa ferramenta de reflexão crítica potencialmente determinante face ao binómio *passado-presente*. A sua aplicação no domínio da arquitectura permite circunscrever um determinado modo de ver a História como um reservatório de ideias disponíveis para movimentos cíclicos de reapropriação e arriscar convictamente que também a *História da Arquitectura é indistinguível da influência entre arquitectos*, e sobretudo, da capacidade destes se *lerem* uns aos outros.

De resto, parece-nos impossível – *hoje* – posicionarmo-nos perante qualquer exercício de crítica disciplinar em arquitectura sem nos perdermos fatalmente entre a vertiginosa trajectória em *scroll* do inesgotável mundo digital e a sombra que embate com estrondo na mundividência que criamos a partir de uma cada vez mais frágil ideia de herança. Num período em que somos diariamente assediados por imagens, legitimadas dentro ou fora de um contexto específico, o modo como as enfrentamos ou, no limite, como nos deixamos *influenciar* por elas é determinante para a descodificação das suas infinitas leituras e da sua possível (*in*)utilidade face à teoria e às práticas de projecto. É simultaneamente inegável e intrigante o fosso que vai sendo cavado entre a velocidade instantânea que conduz e torna inúmeras práticas actuais meras “arquitecturas do gosto” perigosamente à mercê da *acção do tempo* e o cada vez mais limitado *tempo de acção* da própria arquitectura – do projecto à obra construída – diametralmente oposto, porque necessariamente lento.

O conhecido aforismo de Igor Stravinsky – “Tudo o que não é imitação é plágio” – possivelmente reformulado a partir do célebre “Os poetas imaturos imitam; os poetas maduros roubam” de T. S. Eliot, sugere-nos que todo e qualquer acto criativo está inevitavelmente em dívida para com um ou vários precursores. Não se trata aqui de distinguir todos os que sofrem de influência, daqueles cuja suposta originalidade pressupõe um estado de imunidade latente. Pelo contrário, o que nos é dado a ver é uma possível distinção entre aquele que trabalha a partir da História, deformando-a consciente ou inconscientemente a partir da sua condição contemporânea e aquele que simplesmente se limita a repetir acriticamente alguns dos seus princípios.

A pequena reflexão que ensaiaremos parte do princípio que vê na *Influência* o gatilho para identificar *estratégias e ferramentas de apropriação crítica* que operem essencialmente como um meio e não como um fim. Deste modo, procuraremos estabelecer novos princípios imaginativos reelaborados a partir do reconhecimento e análise de três hipóteses de *desleitura* construídas durante a *acção lenta do pensar-fazer* por parte de arquitectos distintos sob o ponto de vista disciplinar, com intuito de melhor compreender os seus modos de lidar criticamente com o *corpus* disciplinar da arquitectura e os materiais que esta convoca e coloca ao serviço do projecto.

1. Influência e Analogia

1.1. Aldo Rossi e uma autobiografia (pouco) científica

No texto «*A Architectura análoga*» (1975), Aldo Rossi inscreve o seu pensamento no contexto e nos limites de uma extensa diversidade de *associações, correspondências e analogias*, entreabrindo a porta para possíveis leituras da influência na sua arquitectura quando se apoia arguciosamente no aforismo de Walter Benjamin: “*Eu sou indiscutivelmente deformado pelas relações com tudo o que me cerca*”. (ROSSI, 1975: 8)

É Benjamin, precisamente, quem havia aspirado ao desejo veemente de realizar uma obra que fosse composta por uma *assemblage* de fragmentos e vestígios coleccionados a partir de textos redigidos por outros. Quem nos conta a sua aspiração de coleccionador é Maria Filomena Molder que, com efeito, afirma que a citação constitui assim, para aquele que se confronta tão firmemente com o vazio do presente, um momento purificador; uma espécie de propósito anárquico de revolucionar o presente, demonstrando a intransmissibilidade do passado como um todo e assegurando, ao mesmo tempo, que unicamente esta operação arqueológica de recolha entre o que resta possibilita a sua preservação. Apoiando-se em Hannah Arendt, Molder vai ainda mais longe, escrevendo-nos que apenas sob a aparência de uma *tradição convertida em cinzas*, estão finalmente reunidas as condições para firmar essa que pode ser, também, uma possível missão antiquíssima da arquitectura: a de *salvar, (re)ordenar e ressignificar preciosos fragmentos*. (MOLDER, 1999: 41)

Quando procuramos circunscrever uma obra ou, num sentido mais amplo, a teoria-de-projecto de Aldo Rossi à luz fatalmente ténue do grande véu da *influência*, é inevitável não vermos espalhados em cima desta grande *mesa* um alargado conjunto de estilhaços com inúmeras faces. Desde logo, na sua «*Autobiografia Científica*» cujo título pede de empréstimo a Max Planck, Rossi conduz-nos extraordinariamente por entre as arquitecturas e as vozes que constroem e povoam o seu imaginário.



Fig. 02. «Agora que tudo isto se perdeu / Ora questo è perduto, 1975»; Fonte: (Eredi Aldo Rossi)

Em boa verdade, a própria *autobiografia* de Rossi pode ser considerada mais metafórica do que propriamente científica, partindo não raras vezes de imagens poéticas – veja-se o *Mount Analogue* de René Daumal e o *Blue of Noon* de Georges Bataille, de entre muitos outros – para construir e solidificar o argumento do seu texto. Ao invés de tentar formular uma teoria (como de resto fizera em «*L'architettura della città*» (ROSSI, 1966)), Rossi reforça poeticamente a inseparabilidade do *modus operandi* face ao *modus vivendi*, acreditando na necessidade de qualquer arquitecto encarar os problemas do projecto a partir da sua própria experiência e capacidade de imaginar referências desiguais associadas e abrigadas numa mesma estrutura conceptual.

De Alberti a Stendhal, de Boullée a Edward Hopper, de todas as latitudes nos chegam figuras que contribuem para a compreensão e recondução da arquitectura rossiana a um sentido de narrativa universal intimamente relacionada com o progresso material e imaterial da humanidade. É justamente a partir do enredar deste longo fio que fixa e contém a multiplicidade de respostas à pergunta que Rossi reapropria do texto de Raymond Russel – «*Comment j'ai écrit certains de mes livres?*»² – por meio do qual redige o conhecido texto «*Arquitectura para os museus*» (ROSSI, 1977), que o arquitecto italiano nos dá uma importante pista sobre possíveis transcrições a extrair da sua própria experiência de projecto. Curiosamente, nesta reflexão, compara o estudo de uma cidade ao estudo da linguística, já que *ambas encerram a complexidade de processos de modificação e permanência, e no limite, ambas elaboram o seu próprio corpus doutrinal*. (ROSSI, 1977: 204)

Desta feita, a ideia de resgate e reelaboração do conceito de fragmento volta à discussão quando Rossi nos dá conta do seguinte:

“É provável que eu goste de fragmentos (...) mas a questão do fragmento em arquitectura é muito importante, já que, talvez, apenas as destruições expressem completamente um facto. Fotografias de cidades durante a guerra, secções de apartamentos, brinquedos partidos. Delfos e Olímpia. Este poder usar pedaços de mecanismos cujo sentido geral em parte se perdeu sempre me interessou, até formalmente. Penso numa unidade, ou num sistema feito somente de fragmentos reconstruídos; talvez apenas um grande impulso popular nos possa dar o sentido de um desenho global. (...) Por isso creio que não possa existir uma compensação séria e que a única coisa possível seja uma soma de lógica e biografia.” (ROSSI, 1981: 8)

No caso do Cemitério de San Cataldo em Modena, que Aldo Rossi começa a projectar em co-autoria com Gianni Braghieri em 1971, lemos a possibilidade de compreender a construção dialética de um edifício colectivo que se fundamenta a partir da acção de completar o cemitério pré-existente por via da sua repetição tipológica. A memória e a permanência do cemitério antigo funcionam aqui como o *leitmotif* aberto à interpretação crítica dos autores da nova proposta, cujo conjunto de edifícios completam analogamente a pré-existência deixada por Cesare Costa, reconhecendo-a como influência primordial do seu próprio desenho.

² O título da obra de Raymond Russel é reapropriado por Aldo Rossi que o parafraseia e deriva para “*Como fiz eu algumas das minhas arquitecturas?*” (tradução nossa)



Fig. 03. «Vista aérea do Cemitério de San Cataldo»; Fonte: (Daniel Annenkov)

1.1.1. O Cemitério de San Cataldo, Modena (1971-1984)

O *Cemitério de San Cataldo* parte das premissas do concurso promovido pelo Município de Modena, que enfatizava a necessidade de ampliação do antigo cemitério neoclássico do séc. XIX. O projecto do cemitério original, desenvolvido por Cesare Costa entre 1850-1876 e nunca terminado por conta do aparecimento de uma via férrea que terá bloqueado o seu principal ponto de acesso, assumia desde logo a sua incompletude enquanto estrutura a expandir.

Embora a proposta de Rossi e Braghieri não tenha sido unânime perante o júri, ao ponto de ter sido realizada uma segunda fase do concurso entre os três projectos melhores classificados, Paolo Portoghesi foi, de entre os jurados, um dos maiores defensores do projecto, salientando a forma singular como este se posicionava de acordo com o pórtico rectangular e o pátio enclausurado do cemitério antigo.

À semelhança da postulação *bloomiana* da poesia como uma leitura-de-poesia, a *desleitura* que Rossi e Braghieri fazem da pré-existência do projecto idealizado por Cesare Costa a cujo alinhamento obedecem, absorve uma parte do já referido fragmento neoclássico incompleto, adicionando o seu próprio fragmento com intuito de conferir uma coerência unitária e composicional à grande escala da implantação de todo aquele conjunto.

Sobre a arquitectura neoclássica, com a qual é chamado a dialogar nesta circunstância, Rossi havia escrito já em 1956 para a revista *Società* um texto no qual sublinha a sua importância, considerando-a uma arte realista e popular, traduzida na expressão consciente de um movimento progressista da sociedade que sabia acolher o que a tradição tinha de válido, representando-o mesmo de uma forma absolutamente decisiva:

“O conceito de tradição nasce deste mesmo impulso, e define-se não como uma tímida e disciplinar sujeição ao mundo formal expresso pelas civilizações antigas, mas como uma escolha livre do que a história vai forjando, como a aceitação de uma ordem, a partir da qual se pode chegar a uma ordem mais ampla e nova através da crítica racional do que foi feito.” (ROSSI, 1956)

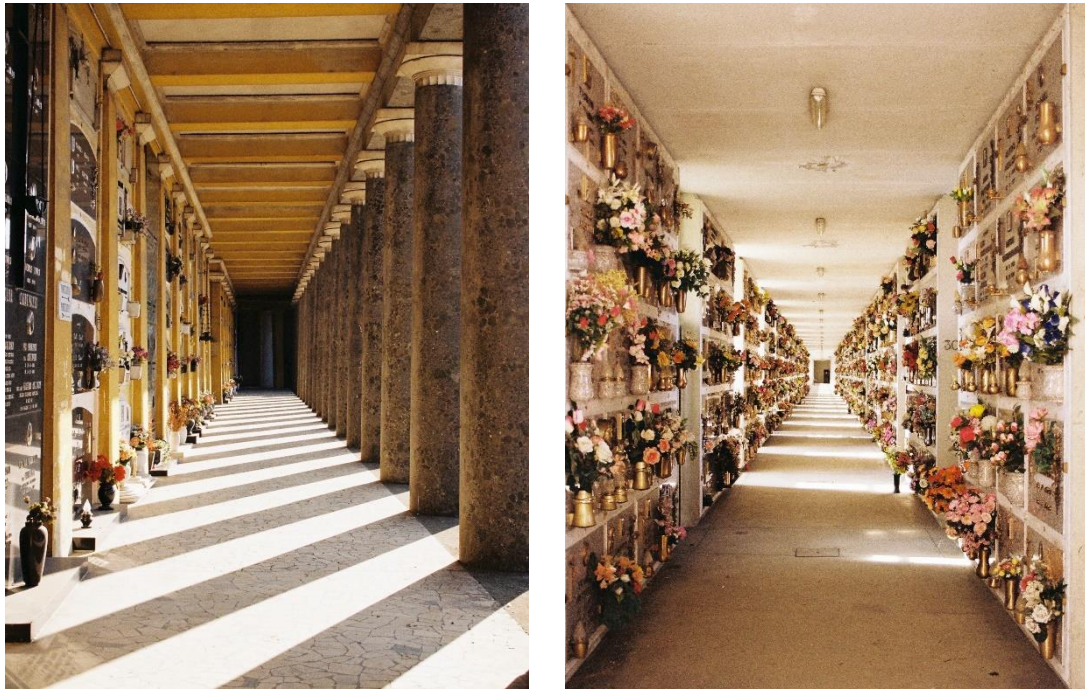


Fig. 04. «Os corredores de distribuição em San Cataldo, 2023»; Fonte: (Ricardo Leitão)

A acção crítica de projecto que Rossi e Braghieri empregam, procura nitidamente dialogar com uma poética anterior, potenciando-a e confirmando a sua continuidade não por via da técnica mas através de uma proposição análoga suficientemente aberta para a *reescrever* a partir dos seus princípios basilares, cujos valores pretende prolongar. Um pouco à semelhança do conceito de *tessera* ou vínculo completo, explorado por Harold Bloom e no qual um poeta reconhece um fragmento no *poema-pai* lendo os seus termos e continuando-os, embora possa incorrer numa conclusão antitética que force a reinterpretação do seu sentido.

Assim, a sintaxe morfo-tipológica do cemitério é assegurada pelos extensos corredores ladeados por túmulos, já presentes e definidores de uma lógica ordenada no antigo cemitério, que impõem um esquema espacial que transcende o uso do próprio programa e é suficientemente autónomo para modelar o aparecimento de novas formas e de novos significados capazes de responder à temática transversal a todo o projecto: a vida e a morte.

Por sinal, e à semelhança da proposta de Cesare Costa, também o fragmento de Rossi e Braghieri ficaria, como que poeticamente, por completar até aos nossos dias.

2. Influência e Oposição

2.1. Giorgio Grassi e a escolha dos mestres

Em «*Antigos Mestres*» (1999), Giorgio Grassi propõe-se a escrever sobre algumas personagens que sempre observou com *admiração e instintiva simpatia, como que por uma natural inclinação e afinidade, ainda que sempre à distância, como se pertencessem a outro mundo* (GRASSI, 2018: 473), dando-nos de antemão uma importante pista acerca do modo como a influência nele opera. De resto, este *mundo outro* por si apontado, faz já entrever uma clara distinção entre a influência de dois tipos de mestres que identifica: os *novos* (que escolhemos) e os *antigos* (que se nos impõem).

É neste sentido que Grassi nos adverte para o facto de não ser sobre Schinkel, Tessenow ou Hilberseimer – mestres que ele próprio terá escolhido – que recairá a atenção deste seu texto, mas fundamentalmente sobre vozes que pairam num mundo antigo e mais distante, cujos mestres *inevitáveis e fatais como as suas obras* (GRASSI, 2018: 475), impunham a sua presença através do seu exemplar *modelo*.

Numa primeira instância, é o próprio Grassi quem assume que de um modo mais lato, todo o seu trabalho se revela um permanente confronto face àquelas obras que julga darem uma resposta cabal a problemas com os quais também ele próprio se depara quando projecta. A sua atitude perante arquitecturas e arquitectos que designou, sem distinção, de *Antigos Mestres*, denota a evidência de que se a mesma pergunta foi feita e respondida exemplarmente no passado, os nossos olhos deverão ler atentamente e perscrutar esses modelos com a certeza de que *não há nada que possa repetir-se igual a si mesmo*, bastando as novas condicionantes intrínsecas a cada caso para afirmar com vigor o que mais tarde Álvaro Siza viria a celebrar com a formulação do seu célebre *"repetir nunca é repetir"*. (SIZA, 2000: 15)

Tal como a escrita cáustica e irónica de Thomas Bernhard, de quem curiosamente Grassi toma de empréstimo o título deste *"Alte Meister"*, a arquitectura de Grassi nunca nos conduzirá a um campo retórico ou à cultura do gosto com que somos, tão frequentemente, confrontados nos dias de hoje. A actividade crítica de ambos implica um esforço redobrado de leitura e compreensão das vicissitudes do seu tempo, uma vez que os dois não hesitam em levar as suas posições até às últimas consequências – apontando, sempre que possível e necessário, firmemente na *direcção oposta*.

2.1.1. Nova Sede da Cassa di Risparmio, Florença (2004-2008)

O projecto para a *Nova Sede da Cassa di Risparmio di Firenze em Novoli*, cujo concurso Grassi ganha em 2004, baseia-se na sua necessidade absoluta de acertar contas com o Plano de Pormenor de Leon Krier para aquela zona de Florença e com o *imprevisível objecto sofrendo de irrefreável gigantismo e megalomania* que é o Palácio da Justiça, da autoria do arquitecto Leonardo Ricci. O projecto de Grassi realça a inscrição do seu complexo de edifícios numa ideia oposta de *cidade*³ – e, por extensão, de *sociedade* – pretendendo responder a uma questão simples: o que define o carácter de um edifício e como transformar esse carácter num argumento crítico?

É o próprio Grassi quem responde categoricamente à pergunta, esclarecendo que o carácter de um edifício não é determinado *por uma forma liberta de qualquer ligação ou precedente* (GRASSI, 2018: 583) – numa clara alusão ao edifício que Ricci projecta a escassos metros do seu – mas precisamente o seu contrário, isto é, a forma final resulta daquilo a que chamamos o carácter de um edifício, pertença da sua completa expressão enquanto *objecto de projecto*⁴.

³ No seu texto «*Projectos para a cidade antiga*» (1997), Grassi torna muito claro o tipo de relação que o seu trabalho estabelece com a cidade contemporânea, distanciando-se da forma que o seu presente tomou em detrimento da necessidade de afirmar a experiência de continuidade com a história à qual esta já respondeu no passado. (GRASSI, 2018: 453)

⁴ Para o melhor entendimento deste ponto, é essencial a leitura do texto precursor de Adolf Loos, citado por Grassi na apresentação do livro *"La nuova sede della Cassa di Risparmio di Firenze di Giorgio Grassi"* (Ed. Scala-Group, Florença, 2010). *"A sede de um banco deve dizer: aqui o teu dinheiro é guardado firmemente e com sabedoria por gente honesta. (...) Se encontrarmos num bosque um monte*

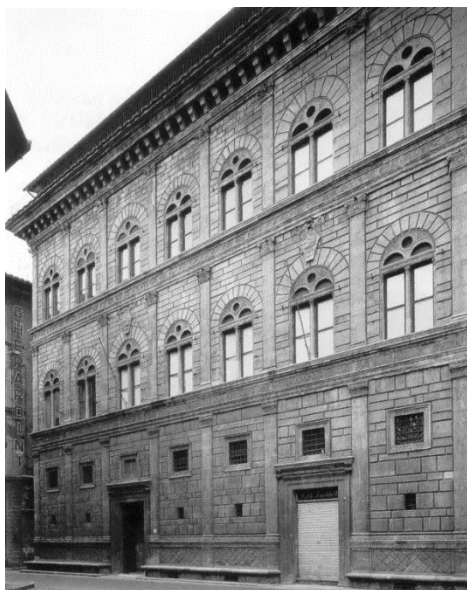


Fig. 05. «Palácio Rucellai de Leon Battista Alberti». Fonte: (Desconhecida)

Fig. 06. «Pormenor da fachada da Cassa di Risparmio de Giorgio Grassi». Fonte: (Divisare)

Neste sentido, é inegável a permanente influência subliminar de figuras como Leon Battista Alberti, Filippo Brunelleschi e Michelozzo, que através dos modelos dos Palácios Rucellai, Pitti e Médici Riccardi – este último havia sido o primeiro edifício representativo da instituição bancária que promove o concurso ganho por Grassi – revelam o absoluto rigor de implantação e de escolha expressiva perseguidos pelo arquitecto italiano ao longo do desenho deste grande bloco edificado no confronto e em diálogo com a sua cidade.

O projecto florentino da Cassa di Risparmio de Firenze encontra-se, todavia, perante um plano de acção que não poderia ter sido enfrentado se não partisse precisamente das condicionantes da cidade imposta pelo plano de Krier que abertamente critica – *um edifício de uso público obrigado a dividir-se em vários edifícios para satisfazer uma não menos extravagante ideia de cidade-jardim* (GRASSI, 2018: 591) – mas que acaba por seguir e subverter poeticamente, quando expõe as suas incongruências enfatizando-as e vendo nelas o principal tema expressivo do grande edifício de tijolo em torno de um pátio verde.

As fachadas cortadas obliquamente sem razão, o corte violento das modinaturas e das cornijas nas interrupções dos seus volumes, como se o todo tivesse sido indiscriminadamente e insensatamente cortado aos bocados com uma faca (GRASSI, 2018: 591), são precisamente os instrumentos que possibilitam o enriquecimento da composição e das relações estabelecidas no conjunto, a partir das quais conseguimos estabelecer um paralelo com o que Bloom denominou de *kenosis*: a subversão ou esvaziamento de um poema precursor potencia e reforça o sentido do novo poema.

O resultado foi um artefacto arquitectónico desdobrado num triplo corpo contínuo que apresenta uma face interna e uma face externa muito distintas entre si, que se estendem ao longo de todo o perímetro da área. As duas faces de uma mesma moeda – a de tijolo e a de pedra de arenito – contribuem para uma ideia de construção lógica e unitária que ao expor abertamente as suas cisões tem a capacidade de exhibir o carácter formalista e ambicioso daquele plano, hiperbolizando os intervalos impostos por Krier através da abertura de autênticas secções construtivas no seu próprio corpo e, desta forma, esvaziando completamente o plano de pormenor que acaba por perder relevância relativamente à resposta que o edifício é capaz de dar à estrutura e à escala desta zona de Florença.

de terra, com seis pés de comprimento e três de largura, moldado em forma de pirâmide com uma pá, ficaremos sérios e, dentro de nós, algo nos dirá: está aqui alguém sepultado. Isto é arquitectura." (GRASSI, 2018: 583)

3. Influência e Encobrimento

3.1. A profissão poética de Álvaro Siza

No seu prefácio à edição do livro *Profissão Poética*, Siza oferece um total de oito pontos, *quase ao acaso*, capazes de caracterizar sumariamente a sua actividade profissional. Num tom enigmático, começa por advertir-nos: “*A ordem é a aproximação dos opostos*”. (SIZA, 1988: 8) Como um autêntico e relutante detective, assim funciona a ignição do seu possível método: o tabuleiro no qual se moverão as peças é plano e tão vasto quanto vasta é a História; tudo conta, tudo é considerado, tudo – o social, o cultural, o material, o humano – é matéria em contra-equilíbrio dançando neste tabuleiro, insistindo no jogo de matizes vários de uma imagem sempre em fuga, mar adentro:

“Dizem-me (alguns amigos) que não tenho teoria de suporte nem método. Que nada do que faço aponta caminhos. Que não é pedagógico. Uma espécie de barco ao sabor das ondas que inexplicavelmente nem sempre naufraga (ao que me dizem também). Não exponho excessivamente as tábuas dos nossos barcos, pelo menos em mar alto. Por demais têm sido partidas. Estudo correntes, redemoinhos, procuro enseadas antes de (ar)risca. Posso ser visto só, passeando no convés. Mas toda a tripulação e todos os aparelhos estão lá, o capitão é um fantasma. Não me atrevo a pôr a mão no leme, olhando apenas a estrela polar. E não aponto um caminho claro. Os caminhos não são claros.”

(SIZA, 1988: 9)

A arquitectura de Álvaro Siza constitui um exemplo simultaneamente extraordinário e perigoso face à possibilidade de ser entendida à luz da *Influência*. A sua estreita capacidade de dissolução de todo e qualquer precursor, o conhecimento íntimo de toda a tripulação pertencente a este “barco” por si imaginado e o domínio absoluto das ferramentas do desenho, transformam-no num caso apenas passível de ser entendido de um ponto de vista tangencial ao que Goethe assinala, em *A Metamorfose das Plantas*, como sendo a conquista do *Estilo*: “*se a arte conseguir, através da imitação da Natureza, através do esforço de constituição de uma linguagem universal, através do estudo exacto e aprofundado dos objectos, chegar finalmente a conhecer com exactidão e cada vez com maior exactidão as propriedades das coisas e o seu modo de existir, se conseguir uma visão sinóptica da série de figuras e uma justaposição e imitação das suas diferentes formas características, então gera-se o Estilo, o grau supremo a que ela pode chegar; o grau em que se pode equiparar às tarefas humanas mais elevadas. (...) o Estilo assenta sobre os alicerces mais profundos do conhecimento, sobre a essência das coisas, tanto quanto nos seja permitido conhecê-la em figuras visíveis e tangíveis*”. (GOETHE, 2022: 69-70)

A visão absolutamente caleidoscópica e profundamente conhecedora da História, torna Siza um arquitecto que trabalha constantemente a partir de processos de leitura e re-apropriação de precursores não circunscritos a qualquer disciplina, cronologia ou condição geográfica. A sua capacidade de conciliar a presença de Loos, Aalto ou Wright num mesmo espaço do vasto “tabuleiro” em que convivam Bernini, Borromini ou Michelangelo, convocando-os, fundindo-os ou subvertendo-os (in)conscientemente sempre que necessário e sem qualquer prejuízo, revela o carácter heterodoxo do seu pensamento; nas palavras de Peter Testa, “*a diversidade das fontes de Siza é mais importante que a sua identidade específica, já que ele não se preocupa com um comentário sobre essas mesmas fontes ou códigos, cuja leitura não é feita isoladamente como fragmentos estilísticos, signos ou analogias*.” (TESTA, 1988: 151)

3.2. Os projectos para Kreuzberg, Berlim (1979-1984)

O conjunto de propostas realizadas por Siza para três quarteirões do bairro de Kreuzberg surgem no contexto do programa IBA⁵, cujo lema “*o centro da cidade como um lugar para viver*” tinha como objectivo renovar e reconstruir criticamente Berlim, cujos bombardeamentos da Segunda Guerra Mundial tinham deixado marcas severas no tecido urbano da cidade. Os projectos do arquitecto português surgem no seguimento das experiências bem sucedidas que tivera no programa SAAL⁶, com as quais havia em comum a necessidade de diálogo com os residentes, cuja participação muitas vezes constituía uma oposição feroz a qualquer intervenção.

Pela primeira vez a actuar em território internacional, Siza é realmente chamado a mover-se entre *conflitos, compromissos, mestiçagem e transformação* (SIZA, 1988: 9). A sua estratégia desde início recusava quer uma leitura mimética e literal daquele contexto, quer uma reconstrução totalmente independente e autista face àquela zona da cidade sobre a qual escrevera:

“A dualidade cidade velha/cidade nova não existe em Berlim. Aqui somos obrigados a introduzir os nossos projectos entre novos fragmentos e velhos fragmentos que nunca se contemplam, que nunca podem vir a ser reduzidos a uma unidade, mas que existem como realidades paralelas. (...) Procurei reunir estes fragmentos sem esconder a sua realidade, e aproximá-los de outros fragmentos. Era preciso aqui utilizar um sistema... escolhi o do séc. XIX.” (SIZA in TESTA, 1988: 46)

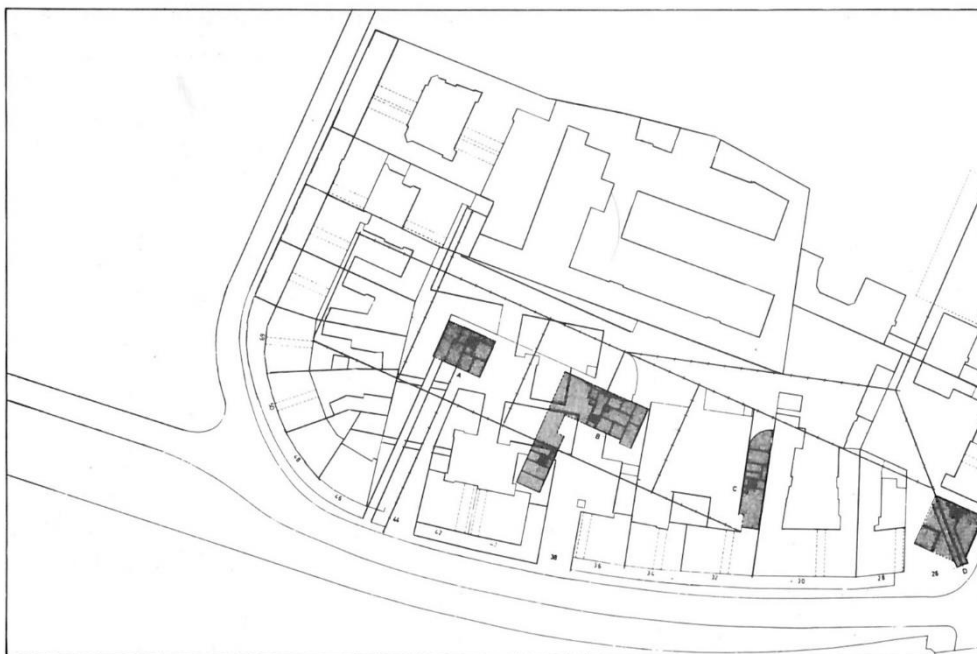


Fig. 07. «Bloco de Fränkelufer, 1976-1977». Fonte: (Arquivo Álvaro Siza)

⁵ O *Internationale Bauausstellung Berlin* (IBA-Berlim) foi um projecto de renovação urbana ocorrido na Berlim Ocidental do pós-guerra.

⁶ O SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local) foi um programa habitacional implementado em Portugal durante o processo revolucionário que defendeu o direito à cidade, apresentando várias soluções para os problemas habitacionais que as classes populares viviam no período pós-revolução.



Fig. 08. «Schlesisches Tor, 1980». Fonte: (Giovanni Chiaramonte)

As características morfo-tipológicas do sistema do séc XIX que Siza afirma ter escolhido, funcionam aqui como uma espécie de hipertexto inicial de aproximação àquela realidade, a partir do qual trabalhará múltiplas variações através da expressão dos seus próprios edifícios, sobrepostos a uma estrutura comum de traçados reguladores referenciais. Fazendo uma espécie de arqueologia urbana capaz de reconhecer a regra, na qual a tipologia de casa burguesa desenhada por Schinkel por volta de 1825 é uma forte presença, Siza opera subvertendo-a na aparente continuidade perimetral do tecido urbano, projectando edifícios capazes de diminuir a tensão e relacionar os interstícios do quarteirão com a rua e vice-versa, numa clara diluição dos seus limites físicos e sociais.

A excepionalidade de cada peça deste seu puzzle tridimensional encerra uma grande complexidade formal, o que nos impede de estabelecer um vínculo directo com um só precursor arquitectónico. Por certo, em discussão estará o uso exímio de um vasto repertório sabiamente furtado, interiorizado e posteriormente “esquecido” e oculto, capaz de incorporar a dinâmica expressiva e o movimento de Eric Mendelsohn, a presença urbana e classicizante de Adolf Loos ou a plasticidade de Hans Scharoun num mesmo patamar de importância objectiva de qualquer outra arquitectura – barroca ou anónima – susceptível de ser criticamente reapropriada por Siza e transformada em resposta a um problema de projecto.

Julgamos ser possível o empenho de um redobrado esforço de imaginação e recriação que tenha em vista o entendimento destes três autores enquanto *leitores-fortes* que não incorrem necessariamente numa leitura errónea das obras que lhe servem como modelo ou dos dilemas arquitectónicos que são forçados a enfrentar, mas que, e pelo contrário, são imperiosamente capazes de subverter as suas leituras, reinterpretando-as enquanto respostas de arquitectura a enunciados e problemas idênticos aos seus.

As relações que se estabelecem durante estes actos de *leitura* dependem necessariamente de uma tomada de consciência que T.S. Eliot denominou em tempos de *sentido histórico*, (ELIOT, 1950: 49) sendo que uma leitura equivocada ou erro de interpretação que um autor realiza sobre outro, não difere necessariamente do *acto crítico absolutamente necessário realizado por cada leitor-forte face a cada texto que encontra*, determinando e corroborando a ideia cabal de Harold Bloom de que *não existem textos mas apenas relações entre textos* (BLOOM, 1975: 3) ao longo do perpétuo movimento que é a História.

Referências bibliográficas

- BLOOM, Harold (1973). *The anxiety of influence: a theory of poetry*. New York: Oxford University Press.
- BLOOM, Harold (1975). *A Map of Misreading*. New York: Oxford University Press.
- DE MAN, Paul (1986). *Blindness and Insight. Essays in the Rhetoric of Contemporary Criticism*. Routledge.
- ELIOT, T.S. (1950). *The sacred wood, Essays on Poetry and Criticism*. Methuen & Co.
- GOETHE, Johann Wolfgang von (2022). *A Metamorfose das Plantas*. Tradução, posfácio e apêndices de Maria Filomena Molder. Edições do Saguão.
- GRASSI, Giorgio (2018). *Escritos Escolhidos, 1965-2015 #3 opera omnia sic*. Tradução, notas e introdução de José Miguel Rodrigues, FIMS e Edições Afrontamento.
- MOLDER, Maria Filomena (1999). *Semear na Neve*. Lisboa: Relógio d'Água.
- ROSSI, Aldo (1975). Revista 2C: Construcción de la Ciudad, nº 2.
- ROSSI, Aldo (1981). *A Scientific Autobiography*. Postscript by Vincent Scully. Translation by Lawrence Venuti. MIT Press.
- ROSSI, Aldo (1966). *L'architettura della città*. Marsilio Editore, Vicenza.
- ROSSI, Aldo (1977). *Para una arquitectura de tendencia*. Escritos: 1956-1972, Editorial Gustavo Gili.
- ROSSI, Aldo (1956). *Il concetto di tradizione nell'architettura neoclassica di Milano*. Società, vol.XII, n.º3.
- SIZA, Álvaro (2000). *Imaginar a Evidência*. Lisboa: Edições 70.
- SIZA, Álvaro (1988). *Profesión poética = Profissão poética*. Barcelona: Gustavo Gili.
- TESTA, Peter (1988). *A arquitectura de Álvaro Siza = The architecture of Álvaro Siza*. Edições FAUP.

